

Os Cantos VI a X

Diferentemente dos cantos I a V, pretendo fazer uma leitura mais pontual de aspectos dos cantos VI a X.

Tive dificuldade para acessar alguns dos textos com que trabalharei. Consegui encontrar todos, mas, ao copiá-los, em alguns casos, a formatação se desconfigurou e algumas letras foram trocadas. Não pude revisá-los integralmente, mas podem ser lidos sem grandes problemas. De qualquer forma, sempre que possível, indiquei em que página podem ser acessados.

Um rápido sumário dos cantos

No canto VI, após a partida de Gama de Melinde, assistimos ao encontro entre Baco e Netuno (15-37) em que Baco convence o deus dos mares a atacar os portugueses. Depois do encontro o foco narrativo se volta para o navio, em que, após duas estâncias (40-41), Veloso começa uma longa narrativa sobre os 12 da Inglaterra (42-69). Trata-se de uma estratégia narrativa interessante: o leitor sabe que a tempestade ocorrerá, mas não os tripulantes do navio. Quando ela enfim eclode (a partir da estância 70), Vasco da Gama pede ajuda à “Divina guarda” (81-83), e, como havia ocorrido nos cantos I e II, será Vênus, com o apoio da Ninfas, que faz com que a tempestade termine. No fim do canto, a que ainda voltaremos, Gama avista a Índia.

No canto VII, além de outros aspectos que mais à frente serão abordados, é feita uma descrição da Índia por Monçaide [Ler VII 24-30] e depois é narrada a chegada de Gama em Calecute,

O canto VIII se inicia com Paulo da Gama explicando o significado das figuras pintadas nas bandeiras do navio [Ler o artigo “Ler Camões com Eduardo Lourenço (...)” de Luís Maffei que está no Moodle]. Depois disso Baco surge nos sonhos de um sacerdote. Um Catual prende Vasco da Gama, que por fim é solto em troca dos tecidos que trouxera.

Nos cantos IX e X, após alguns incidentes, as naus retornam a Portugal, aportando, antes de lá chegarem, na Ilha dos Amores, preparada por Vênus como prêmio aos navegantes.

Não me deterei nestes cantos. Acho mais importante tratar de dois outros aspectos: os vários momentos em que o narrador de *Os Lusíadas* tece comentários vários – que designei como períodos não narrativos – e o significado do episódio do velho do Restelo na obra.